

Nervos à flor da pele

JORNAL DE BRASÍLIA

22 SET 1994

CARLOS MONFORTE

Este final de campanha eleitoral está tornando a disputa mais agressiva, dura, áspera. Aliás, no final é quase sempre assim: o funil começa a estreitar e só cabe um, no máximo dois, que são espremidos mais adiante. Daí nascem as denúncias, as ofensas, tudo fruto do desespero. Claro que nenhuma eleição é igual a outra. Mas pode servir de parâmetro para divagações.

Digo isso pelo seguinte: na eleição de 89, Fernando Collor estava muito à frente de Lula, alguns dias antes. No entanto, na abertura das urnas, se a situação não se inverteu, pelo menos o quadro foi mais real, trouxe os números mais para o chão. O placar foi 28 a 16 a favor de Collor, e não aquele banho inapelável que as pesquisas mostravam um pouco antes. É sempre bom lembrar que pesquisa é intenção de voto, não é voto.

E tomando como base esses exemplos passados é que os ânimos se agitam, assim como as bandeiras. Por isso, hoje o maior esforço do PT é levar Lula para o segundo turno, custe o que custar. O PT acha que a partir daí vai acontecer uma nova eleição e que as chances de seu candidato vão ser ampliadas pela conjunção dos indecisos com as alianças que fatalmente virão, mesmo que isso não seja uma característica do partido.

Agora, embora se cercando de cautela com relação às pesquisas, não é possível deixar de levá-las em conta. Ainda mais que agora os institutos são muitos e com técnicas mais apuradas. Todos eles vêm indicando o mesmo fenômeno: a estabilização da campanha, com Fernando Henrique na frente, bem lá na frente. E isso depois de todas as trombadas pelo meio do caminho, desde o caso Ricupero até o fantasmagórico cheque de PC ao senador Marco Maciel — cheque que ninguém sabe onde está.

Apesar de tudo, Fernando Henri-

que continua na frente, pelo simples motivo que sua candidatura tem um lastro muito mais consistente do que todos os problemas e denúncias; o sucesso do Plano Real, pelo menos até agora. Além disso, o próprio plano deu sinais de força, na medida em que perde seu ministro-benedictino, e mesmo assim emplaca uma inflação histórica de 0,96% na segunda quadrissemanana de setembro. Há vinte anos, o Brasil não convivia com uma inflação tão baixa.

Por tudo isso, o nervosismo da campanha de Lula tem seus motivos. Ele vem lutando por essas posições há pelo menos cinco anos, logo depois da derrota diante de Collor. E não pode aceitar uma morte antecipada. Não seria correto politicamente, nem é do temperamento de Lula. Assim, ele vai lutar até o fim e buscar o segundo turno como a grande salvação, mesmo sabendo que a batalha não vai ser fácil.

Ainda que alguns donos de instituto de pesquisa acreditem — sempre com cautela — que a disputa vai dispensar o segundo turno, eles mesmos sabem que nestes 11 dias que faltam para 3 de outubro as pesquisas serão mais rígidas, mais seguras. E que há sempre um fator imponderável quando se está diante de um eleitorado de quase 95 milhões de pessoas.

Nunca é tarde para que as coisas mudem, mas pelo andar da carruagem o quadro dificilmente sairá disso que está aí. Podem acontecer pequenas alterações, mas não fundamentais. O segundo turno não está descartado, mas só mesmo se o mundo parasse é que dava para cravar um palpite seguro. De qualquer maneira, a campanha corre solta e o TSE está explodindo de processos (só de denúncias de uso da máquina do governo em favor de Fernando Henrique, eles chegam a 20). Mas tudo não passa de uma mostra de como a democracia brasileira está viva. Ainda bem.

■ Carlos Monforte é jornalista